

O TRAÇO DE UNIÃO

Por estranhos desígnios da Providência, a Nação se sente órfã no exato momento em que se preparava para trilhar triunfante os caminhos que a conduziriam ao Estado de Direito. A morte do dr. Tancredo Neves, num quadro institucional marcado por evidente fragilidade, traumatiza a Nação, e ao mesmo tempo a faz unir forças para impedir o retrocesso nessa lenta caminhada de volta à democracia, tão lenta e tão penosa que parece nunca ter fim.

A aflição que cerca os brasileiros — que antes de iniciar a jornada democrática se vêem privados do comando austero daquele a quem haviam escolhido como guia — retrata o drama que foi a vida de dr. Tancredo Neves: existência voltada para a busca do poder e que se viu cortada rente no momento mesmo em que ele se preparava para assumi-lo em sua plenitude, cercado do respeito dos brasileiros e da admiração dos governos amigos. Até certo ponto, dir-se-ia que este sentido de tragédia grega que marcou, ao fim, a vida de Tancredo Neves espelha igualmente o destino da Minas Gerais que ele tanto amava, em sua perspectiva de São João d'el Rey: a Minas do ciclo do ouro, da criação de um estilo de vida todo brasileiro, de uma acendrada vocação de liberdade já manifestada nas academias literárias do Século XVIII. Essa Minas, que se sentia fadada a libertar o Brasil, vê malogar seu sonho quando tudo lhe parecia sorrir, por circunstâncias exteriores e, dir-se-ia, objetivas. Não apenas na Inconfidência Mineira, com Tiradentes, se frustra o projeto de cultura brasileira que desabrochava em Minas. Também na revolução liberal de 1842, derrotada por Caxias, se pode encontrar esse exemplo de um ideal que morre ao pretender impor-se — mas que, pelos caminhos da Fortuna, acaba se realizando exatamente porque morreu. Ou não é o Segundo Império, do qual Caxias foi o grande servidor, o exemplo de progresso político e social com o qual haviam sonhado os liberais? Morto, Tancredo Neves — dr. Tancredo, como respeitosa e carinhosamente o chamavam até os íntimos — lega aos brasileiros o exemplo de uma vida dedicada à política e ao bem público. Juntamente com ele, o de uma carreira pontilhada pelo êxito, sem dúvida, mas igualmente pela privação das pompas que o cercam. De quem foi ministro do presidente Getúlio Vargas e primeiro-ministro de João Goulart, não se poderia jamais dizer que não conheceu o êxito — mas não se dirá, nunca, que soube o que fosse desfrutá-lo até o fim.

O País viveu intensamente o drama da doença e vive com emoção maior o da morte de dr. Tancredo Neves como se fora o drama de quem perdeu seu pai, mais do que o guia que o conduziria, pelos caminhos da democracia, a dias menos sombrios do que os que legaram 20 anos de desacerto e autoritarismo. A rigor, todos tivemos receio, desde o primeiro momento, de que esse fosse o trágico desfecho do que parecia uma molestia de sonenos, talvez agravada pelo empenho do homem público de não

permitir que os cidadãos lhe conhecessem uma fraqueza física. Se receamos, é porque razão tínhamos para temer que se pudesse frustrar o processo de abertura política iniciado há anos mas que com certeza se afirmara nas concentrações multitudinárias em favor das eleições diretas.

O nome Tancredo Neves simbolizará para todo o sempre esse encontro — raro de dar-se na vida dos povos — entre o anseio popular, a habilidade dos políticos e os superiores interesses, muitas vezes não expressos, do Estado. Malograda a caminhada para as eleições diretas, e quando já se temia que os 20 anos de autoritarismo se prolongassem por mais seis de ameaçador desconhecido, a conjunção das artes dos políticos com a maturidade do sentir popular conduziu a Nação a buscá-lo — a ele que sempre se preparara para este momento, como soube demonstrar já nos primeiros pronunciamentos, em que a palavra de comando se disfarçava sob a polidez do gesto, mas se identificava na clareza das soluções e das diretivas.

Não se compreenderá jamais em sua totalidade esse estranho fenômeno de transmutação de clima político que se deu no Brasil no período que vai da derrota da emenda Dante de Oliveira à eleição de dr. Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral. Os veículos de informação não construíram o novo estado de espírito — sem eles, sem dúvida, teria sido mais difícil transformar o desconforto do malogro em alegria da esperança. Não fora, porém, além de fatores indefiníveis, a personalidade de Tancredo Neves, o que dele se imaginava poder restaurar de dignidade na função pública e de respeito à inteligência dos brasileiros, e não se teria dado a transformação salvadora. Fosse outro o candidato, outro o discurso e outros os gestos, e as Armas não se teriam perfilado em continência a quem vinha substituí-las num render de guarda nunca imaginado. A compreensão disso banhou com a luz da esperança a face do Brasil. Por isso, quando, a 15 de março, Tancredo Neves não subiu a rampa do Planalto, começamos a nos sentir órfãos. Por medo. Com medo de que acontecesse o pior.

Esse medo não é gratuito. Uma nação não se sente órfã quando sabe que os Poderes do Estado estão a serviço da Lei e da Ordem. Quando, porém, as instituições são fracas como demonstraram ser desde 1964 — para não irmos mais para trás —, o medo nos toma de assalto. Ou podemos dizer com tranquilidade que as instituições estão consolidadas e têm raízes profundas?

Ninguém ousará dizer isso, e não terá essa audácia, porque sabemos que o Direito não existe no Brasil — e não existe porque foi enxovalhado durante anos a fio, as decisões dos tribunais não cumpridas, a lei transformada ao sabor dos interesses políticos, a norma jurídica desrespeitada pelos mais fortes, estivessem ou não no poder. O medo vinha daí — e, por isso, hoje ele se avoluma, e todos, de forma

inconsciente, se perguntam como será o futuro, esquecidos de que o porvir está prescrito na Constituição — que, boa ou má, legitimou a eleição direta dos governadores em 1982, a do Congresso e das Assembléias, e a do dr. Tancredo Neves. Apesar de tudo, tememos — e esse temor decorre da certeza de que grupos ou grupelhos tentarão desestabilizar a ordem constitucional que se queria implantada até sua mudança pela Assembléia Nacional Constituinte.

No atribulado quadro institucional, Tancredo Neves dava a segurança que apenas os capitães experimentados nas duras tempestades da existência podem infundir na maruja e nos passageiros quando o vento e as vagas batem a nau de todos os lados. Desde 1930, ele acompanhava a tempestade que se abate sobre o Brasil — 55 longos anos de intervenção revolucionária na política e de transformações profundas no plano social e econômico. Por haver sobrevivido a essas procelas, infundia confiança — e os que mais temiam os dias a vir viam em sua figura de avô e pai a certeza de que o timão do Estado não seria abandonado, e de que a nau chegaria a mares menos agitados. Agora, falta o capitão.

O destino levou o timoneiro, mas a maruja conhece o Norte que havia sido fixado. Por isso, não permitirá que se retorne ao ponto de partida, não obstante a grandeza dos obstáculos que possam surgir à frente.

Ausente o líder, o guia, que seu exemplo seja a inspiração de toda a Nação. Exemplo de devotamento à causa pública, de compreensão dos temores de todos os brasileiros. Na verdade, não fora a compreensão do que simbolizava neste momento difícil, dr. Tancredo ter-se-ia operado mais cedo e tudo teria sido evitado. Em certo sentido, ele morreu pelo País — por isso, sirva seu exemplo de guia inspirador.

Grupos e grupelhos, à direita e à esquerda, desejarão doravante desestabilizar o processo. É preciso ter presente que o Brasil não está em condições de suportar intervenções antidemocráticas de nenhuma espécie. Nem os brados de “aqui d'el rey” deverão comover os que desejam preservar a ordem a qualquer custo, nem justos reclamos deverão enternecer os que acima de tudo pensam na justiça social. Que nos sirvam os exemplos do passado, e a lembrança de até onde nos conduziram. Antes de qualquer pensamento desestabilizador deve estar a certeza de que o caminho da democracia passa pela Constituição que nos rege, que deu posse ao vice-presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, secundando dr. Tancredo Neves, que aceitara suas regras. O programa de governo foi delineado, pelo líder que passa o bastão de comando, nos seus sucessivos pronunciamentos. O caminho da democratização foi traçado por ele. Segui-lo não é só dever dos cidadãos; é a homenagem que os brasileiros de todos os quadrantes prestarão a este homem simples de São João d'el Rey, que na tradição mineira e cristã soube encontrar o traço que hoje nos une na adversidade para construir o futuro melhor.